

**A TRADUÇÃO E ALGUNS  
DE SEUS PROBLEMAS**

*Orlando Marques de Paiva*

É de todos conhecida a importância da tradução no mundo científico e cultural. A propósito do assunto, não disponho senão de uma experiência miúda, enquanto tradutor. Valho-me, antes, de uma limitada, mas razoável avaliação das dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores com atividades em áreas técnicas, quando buscam valer-se de resumos ou de textos em língua estrangeira. A correta leitura desses textos destinados à difusão de descobertas e divulgação de opiniões — já que a literatura científica, registro permanente da comunicação entre cientistas, é, também, a história da ciência — depende, como afirma Flesch, da capacidade de nos abstrairmos dos moldes mentais a que estamos habituados. De fato, compreende-se que seja assim, pois, para a condição humana, diz Fidelino Figueiredo, a palavra que veste o pensamento, há de ser, a um tempo, fator de unificação de alguns e fator de separação de muitos, porque essa palavra tem de ser carne da nossa carne, palavra bebida com leite materno, empapada no sangue das nossas experiências dolorosas, palavra ouvida em torno da soleira da nossa porta, palavra que nos diz que somos diferentes da turbamulta que pulula sobre a terra e nos filia num clã, numa casta, numa classe, numa pátria, palavra de essência unificadora, porque nos classifica, e separadora, porque nos caracteriza. Em definitivo, concordemos com Sapir, a linguagem é um produto da cultura e não uma função biológica.

Não padece a tradução técnico-científica exatamente dos mesmos percalços a que está sujeita a tradução da obra literária, embora lidem ambas com igual substrato, no caso a língua, ou melhor, as línguas em jogo, cujas diferenças essenciais, tendências gerais, tradições e hábitos, conforme bem diz Ronái, o tradutor não pode desconhecer.

Não me pronuncio, fique claro, na qualidade de profissional, e sim como o professor de Anatomia que na área de sua especialização vê-se a cada passo premido a ajudar-se de livros e de periódicos redigidos em diferentes idiomas; que a cada passo vê-se estimulado a pôr no papel, a transformar em palavras, suas idéias, suas conclusões. Quando, faz pouco, falei em percalços algo diferentes, pretendi insinuar que, inegavelmente, os tradutores científicos ou técnicos e os tradutores literários têm barreiras comuns a vencer. Vão da preferência pelo verbo a utilizar-se à seleção do substantivo a empregar-se; da escolha do qualificativo adequado à opção entre preposições.

Há, em suma, o aspecto redacional que envolve inclinações pessoais a que cumpre impor severa vigilância, a fim de evitar venha a afeição à forma a dano da precisão do conteúdo. Segundo consta, quando uma sentença ficava extremamente complexa, Charles Darwin perguntava a si mesmo: "Ora, que é que pretendo dizer?" Hemingway, diz-se, escreveu 39 vezes a última página do seu livro "Adeus às Armas", antes de considerar-se satisfeito. Wells chegava a rever até sete vezes seus escritos. Afinal, ao escrevermos o que pensamos já praticamos uma modalidade de tradução.

A respeito, ensina Barrass, na comunicação escrita estão envolvidos dois processos. O primeiro, no espírito do autor, é a seleção de palavras capazes de exprimir seu pensamento. O segundo, no espírito do leitor, é a conversão das palavras escritas em pensamentos. O ponto mais difícil nessa comunicação é o de assegurar que os pensamentos criados na mente do leitor resultem os mesmos gerados pela mente do autor. Mas se este leitor é o tradutor, cumpre-lhe dar andamento a tarefa ainda mais complexa. Senão vejamos: se uma comunicação intralingual deve passar a interlingual, vale dizer, se as palavras da língua de origem devem converter-se em pensamentos da língua-alvo, então ao tradutor cabe a dupla função de interpretar o sentido dessas palavras e de convertê-las em palavras da língua-alvo, livres de desvirtuamento, o que, afinal, representa novo ato tradutório; só assim os pensamentos do autor da língua de origem podem chegar sem manchas ao leitor da língua-alvo. Daí, a cautela exigida. Esse, aliás, é um dos terrenos que por igual palmilham o tradutor científico ou técnico e o literário.

Fica patente, assim, insista-se, quão importante é procurar uma interpretação feliz; e isto vale para o autor, para o tradutor e para o leitor. A interpretação feliz equivale a triunfar sobre o acaso. Como pretende Richards, precisamos deixar de ver a má interpretação como um simples e lamentável acidente. Precisamos encará-la como evento normal e possível. É fundamental ter sempre presente os leitores, e mais, prever as perguntas que poderão fazer. Com muito critério, Warner preceitua: eles desejam informações relevantes, bem-organizadas, claramente expostas e suficientemente explicadas. Numa conversa, indagariam: Quem? Que? Onde? Por que? Como? O autor deve formular estas perguntas a si mesmo — elas funcionam qual abridores de latas.

Conforme se nota, na comunicação escrita estão efetivamente envolvidos dois processos e, na tradução interlingual, outros dois.

Em resumo e acima de tudo, como quer Sprat, a comunicação deve ser formulada de maneira tal que a era atual e a posteridade possam capacitar-se a assinalar erros que tenham ganho corpo em virtude de sua longa prescrição; a restaurar Verdades que ficaram no olvido; a dar às Verdades já conhecidas novas e variadas aplicações; e a aplainar e abrir caminho rumo àquelas que permaneceram ocultas.

Reconhecido o notável papel do tradutor, é de lastimar-se, e a injustiça surge flagrante, não se lhe dê o merecido valor. Assiste, pois, razão a Dominique Aury ao prefaciá-lo livro de Mounin, quando qualifica o tradutor de trabalhador anônimo.

Escolha-se um livro qualquer traduzido. Na capa, em destaque, e isto é aceitável, o nome do autor e o do editor. Já o tradutor, há que procurá-lo na página do título interno e, ainda, reage Aury, em face desta página, bem lá em cima ou bem lá embaixo, impresso com os menores caracteres possíveis e o mais dissimuladamente possível. Ali se localiza o nome do mísero tradutor, conclui.

É incontestável que a língua não representa uma coleção de palavras. Se me permitem, diria até que a língua é uma soma de línguas, ou melhor, "a língua é o produto social depositado no cérebro de cada um". De fato, a ciência e as artes, as diferentes técnicas, as múltiplas profissões fazem uso de terminologias próprias. Até nas formas mais comuns do fazer humano isso acontece. Considerem-se os exemplos que os temos à farta: o linguajar dos comentaristas políticos e dos próprios políticos; o dos economistas, que chegou a merecer o nome de "economês"; o dos policiais; enfim, poderíamos citar uma infinidade de casos que têm gírias características. Assim, o fim da linguagem é a um tempo, diz o autor de "Luta pela Expressão", duplo e contraditório: comunicação e cerceamento. Leva-nos para fora de nós, mas reentra-nos em nós pela vida de fraternidade e entendimento com aqueles que são nossos iguais, pelas emoções comuns, pelo ofício e pelos interesses.

Foram para mim muitas as dificuldades na busca de fontes bibliográficas, apesar, comenta-se, do elevado número de pesquisas que se vêm realizando nesta área nos últimos anos. A tradução, convém lembrar, já era uma disciplina antes que a lingüística cogitasse de acolhê-la. Nem foi outra a razão que levou o prof. dr. Erwin Theodor

Rosenthal a pleitear a organização de cursos especializados para tradutores na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mas, voltemos às fontes bibliográficas. Expõe Jean-René Ladimiral: são muitas as contribuições pontuais e específicas e, como discurso científico, fragmentárias; apresentam evidentes sinais da época em que surgiram, provisórias e epistemologicamente colocadas em relação a determinadas “frentes científicas”, estas representativas de certas correntes históricas. Tudo leva a crer e arrisco-me bastante ao dizê-lo — valha-me a propósito o respaldo de Mounin — que os tratados de lingüística pouco se preocupam com as questões da tradução, o que não significa ocorra o mesmo com os lingüistas. Não teria sido por isso que o citado professor sonhou com a criação de um conjunto independente de disciplinas dedicado à tradução? Afinal, em vários países existem instituições universitárias que possibilitam a conquista de diplomas por tradutores e intérpretes. E por quê?

As distâncias encurtam-se, os meios de comunicação aperfeiçoam-se cada vez mais, os países, por assim dizer, avizinham-se e o problema crucial continua a ser a transmissão de imagens mentais por meio de palavras.

Como quer que seja, a tradução, conceituam Taber e Nida, consiste em reproduzir na língua receptora ou língua-alvo a mensagem da língua-fonte ou língua de origem, por meio do equivalente mais próximo e mais natural, de imediato no que diz respeito ao *sentido*, em seguida no que concerne ao *estilo*. Com esse propósito, é fundamental estabelecer a distinção entre *estrutura de superfície* e *estrutura profunda*. A primeira, assim designada por ser diretamente acessível ao examinar-se um texto; a segunda, objeto de diversas tendências, é idêntica à *estrutura semântica*. Então, de acordo com Taber, ou a língua dispõe da estrutura semântica e não da de superfície, e, neste caso, quase todas as opções significativas se encontram nessa estrutura, enquanto a sintaxe reduz-se a um algoritmo, mais ou menos automático, que converte as estruturas semânticas em *estruturas fonológicas*, ou as relações entre ambas as estruturas, semântica e de superfície, são representáveis por transformações bastante complexas. Concluindo, Taber assinala que as estruturas profundas de diferentes línguas assemelham-se bastante, enquanto as de superfície variam quase ao infinito, por derivarem de transformações diferentes.

Eis como se explica o insucesso do método de tradução que se baseia num algoritmo de correspondências entre as estruturas de superfície das línguas. Isto porque as apartam três ordens de diferenças enormes: entre as estruturas de superfície e profunda da língua-fonte; entre as estruturas profundas das duas línguas; entre a estrutura profunda e a de superfície da língua-alvo.

À base destes fundamentos, Taber parte para a discriminação de sentido e estilo: a) sentido é na essência idêntico à estrutura semântica e deve tentar-se, a todo o custo, transferi-lo de uma à outra língua; b) quanto à estrutura de superfície, compreendendo sintaxe, morfologia e vocabulário, as escolhas sujeitam-se amplamente às opções prioritárias que se operam ao nível semântico; há aqui, portanto, basicamente um automatismo; c) como, todavia, existem vários meios possíveis para representar a estrutura semântica, será o naipe de escolhas entre esses meios que configurará o estilo; d) posto que o estilo é parte da estrutura de superfície — e aqui as línguas mais variam entre si —, a boa tradução procurará apresentar o estilo do texto original, por via de um estilo funcional equivalente, de preferência a um formalmente idêntico, na língua receptora. Afinal, alguém já o disse, equivalência é a bitola da tradução.

Efetivamente, no tipo de tradução em que só o sentido importa — e isto ocorre também na área científica —, pode proceder-se, segundo Vives, com bastante liberdade; é possível omitir-se o que para o sentido carece de importância e aduzir-se o que logra trazer-lhe alguma contribuição; duas ou mais palavras podem ser traduzidas por uma única e vice-versa, ou mesmo é admissível acrescentar-se ou suprimir-se alguma coisa.

Assim sendo, não se justifica exprimir em uma língua as figuras e expressões de outra, particularmente as que constituem idiotismos. Nem há razão, estabelece o próprio Vives, para escolher solecismos ou barbarismos a fim de reproduzir o sentido com igual número de palavras, “o que fizeram realmente em Aristóteles e na Sagrada Escritura” Repetimos: tal parece válido sobretudo para textos científicos e ideológicos ou, ainda, para os de caráter informativo.

Não apenas lançar no papel o que pensamos representa ato tradutório. Já repararam que sem as palavras não conseguimos pensar? E que nossa capacidade de pensar é, sem dúvida, diretamente proporcional ao número de palavras sobre as quais temos domínio? Na rea-

lidade, o vestirmos com palavras nossos pensamentos, também ao falar, significa igualmente traduzi-los. E não é verdade que quando levamos a cabo erradamente este tipo de tradução temos o costume de alertar o ouvinte com um “não é bem isto que eu queria dizer”, o mesmo se dando sempre que a mensagem não foi por ele bem-traduzida? Nesses casos, praticamos a tradução intralingual. Mas existem outras modalidade de tradução, como é o caso da sócio-lingüística. Se alguém nos diz “está difícil” — e o exemplo é de Rónai —, simplesmente interpretamos por “não”; se nos diz “é dureza”, interpretamos por “está difícil”; o “arrume-se” significa, conforme as circunstâncias, “tome você as providências”; o “nem pensar nisso” corresponde, às vezes, a um “impossível”; e um “tudo bem” ou mais simplesmente um “tá”, variante aferética de “está”, hoje em voga, usamos traduzi-los por “de pleno acordo”. Já a tradução inter-semiótica prescinde de palavras: a mão exibida em movimentos rápidos, sucessivos e alternados pela palma e pelo dorso, é entendida como “mais ou menos” ou “assim, assim”. Neste caso, como é óbvio, a interpretação cabe a terceiros.

Mas a tradução interlingual é a que nos merece particular atenção e, no caso pessoal, a tradução técnica ou científica. Não se admite, em se tratando de tradução interlingual, o exercício de trocar palavra por palavra, a de uma língua pela de outra, como se desvinculadas do contexto. E aqui cabe dar relevo à questão da monossemia e da polissemia. Na monossemia não há lugar para ambigüidades, ou seja, dado termo é aplicado a uma só noção, invariável, independentemente da língua considerada. Exemplo dos melhores é o da palavra “janela”. Qualquer dicionário multilingüe ou mesmo a máquina de traduzir levará necessariamente a uma noção uniforme. Já na polissemia — reflexo da tendência do espírito humano à metáfora ou alegoria — certas palavras apresentam significados os mais diversos.

Falamos ou escrevemos com freqüência “aurora da vida”, “fina flor” e “flor dos anos”, “dar o prego”, “andar na fossa” e, em Anatomia, é comum ler-se ou escrever-se “a artéria e o nervo correm ou caminham”. Colhamos mais dois exemplos do inglês: *hang up the spoon*, “pendurar a colher”, durante a Primeira Guerra Mundial correspondia a morrer, porque nas trincheiras penduravam e não mais utilizavam as colheres dos soldados mortos; *pin up girl*, “garota de alfinetes”, significa garota que vale a pena pendurar por meio de alfinetes.

E ainda outro exemplo, este do francês, os três selecionados por Coseriu: *grève* é traduzido por “cais” ou “praia”; ora, o decidirem os operários paredistas reunir-se nos cais do rio Sena, fez que a mobilização dos trabalhadores, com objetivos reivindicatórios, passasse a chamar “greve”, termo, aliás, empregado em nossa língua.

Tome-se, em português, a palavra isolada “folha” Como identificar se se cogita de uma lâmina ou chapa metálica, de um pedaço de papel, de uma página de livro, de um órgão das plantas floríferas, da divisão de uma porta ou do uso que desse vocábulo se faz na expressão “nova em folha”? Fora do contexto, a palavra perde o sentido. Por isso, não há como imaginar-se a tradução literal. Para o tradutor, situação vantajosa é topar com casos em que à polissemia da língua de origem corresponde a monossemia da língua-alvo. Veja-se a palavra “fio”, em português — ela tanto se aplica a fio têxtil quanto a fio metálico. Em inglês, todavia, a distinção é perfeita: o fio metálico é *wire*, o têxtil *thread*. Portanto, como se verifica, situação que requer maior atenção é a inversa, ou seja, quanto à monossemia da língua de origem nos deparamos com a polissemia na língua-alvo. Imagine-se, então, as dificuldades a superar sempre que nos encontremos ante a tradução de termos polissêmicos nas duas línguas. Não se imagine, entretanto, que inexitem versões livres, que eu chamaria mesmo de cogentes, de obrigatórias. Como traduzir “Aufwiedersehen” ou “Arrivederci” se não por “até logo”? Em situações que tais conta bem menos a língua de partida que a língua de chegada.

Como se nota, “o sentido de um enunciado não é a simples soma dos vocábulos que o compõem” Quem traduz cuidadosamente palavra a palavra, está longe de resolver a equação das equivalências em termos de identificação. Não resisto a citar aqui a experiência vivida por Francisco da Silva Júnior quando, há vários anos, viu-se diante da tarefa de traduzir, em Hollywood, um filme cujo título em inglês era “You can’t take it with you” Pois, em português, a película foi intitulada “Do mundo nada se leva. ”, que depois virou dito popular. A tradução ao pé da letra diria bem menos . Como se observa, busca-se acima de tudo a equivalência e não a sinonímia. Mas o que aconteceria se vertêssemos para o inglês este “Do mundo nada se leva”? O resultado seria “From this world one takes nothing”, caso a tradução fosse literal, o que significaria igual

absurdo. Criar a imagem mental, insistimos, eis o problema. Que nada falte do sentido mesmo que falte algo das palavras.

A metáfora, como manifestação da fantasia humana, não pode ser definida. Sua maior ou menor aceitação depende menos do prestígio de quem a criou e, bem mais, e mais comumente, acredito, da expressividade do signo inventado. Mas, os signos também envelhecem — e, como observam, valho-me de outra metáfora — em virtude de tabus lingüísticos, ou seja, em razão da tendência a lançarmos mão de “expressões menos próprias que nomeiem sem nomear”. Por vezes não dizemos “bendita hora” em substituição a “maldita hora”? E há a considerar, igualmente, a antonomásia: ao invés de “coisas do diabo” não se ouve dizer “coisas do tinhoso”? Não fiquem sem menção as conhecidas interdições de vocabulário motivadas por credices ou de cunho emotivo. É bastante raro ouvir-se “fulano morreu”; o habitual é falar-se “fulano foi-se”. Enfim, as palavras estão em constante mudança. Por isso, afirma-se, dada palavra “considerada em dois momentos sucessivos de sua continuidade de emprego numa comunidade, não é *ni tout a fait une autre, ni tout a fait la même*. Não só as palavras mudam, porém; Ladimiral faz justa referência ao poder separador do tempo: o fato de por vezes não se pertencer à mesma geração, basta para já não se falar a mesma língua.

Não vamos preocupar-nos muito com a sinonímia, figura por meio da qual se transmite a mesma idéia mediante o emprego dos sinônimos — termos que têm igual significação ou significação quase idêntica. Exemplos: morte e perecimento, tolo e palerma.

Nem nos deteremos no estudo da paronímia, isto é, no exame dos vocábulos parônimos — termos que têm a mesma origem, o mesmo radical, ou a mesma desinência, ou som semelhante. Exemplos: destratar e distratar, contusão e confusão, discricção e descrição, vultoso e vultuoso.

Igualmente, não cremos oportuno ocupar-nos mais extensamente da homonímia, vale dizer, das palavras que têm caráter homônimo — termos que têm o mesmo som, mas cujo sentido, natureza e, por vezes, ortografia, são diferentes. Exemplos: falácia, qualidade de falaz, fraudulento e falácia, engano ou ilusão; laço, de laçada e lasso, frouxo. No primeiro caso, estamos diante de palavras homógrafas e homófonas; no segundo, frente a palavras apenas homófonas.

Deixando de lado sinônimos, parônimos e homônimos, fixemos agora no que os tradutores chamam de “falsos amigos” ou vocábulos enganosos, presentes em todas as línguas. São vocábulos semelhantes em sua grafia a palavras da língua portuguesa, mas com sentido completamente diverso. De todas as línguas, como é facilmente imaginável, exige-se, a propósito, maior conhecimento do tradutor no castelhano. Em quase todas as páginas de um livro há sempre o “falso amigo” à espreita. Pois não é que já se traduziu “Maria quedó enojada” (Maria ficou zangada) por “Maria ficou enojada”? exemplifica Brenno Silveira. Este conhecido tradutor não encontrou para “Sus faldas eram largas, de colores vivos” a tradução “Sua saia era larga (e não longa), de cores vivas”? Em francês, *sage femme* (parteira) não se converteu em “mulher sábia”? E não houve um jornal — cito ainda aquele autor — que publicou, sem mais aquela, em letras garrafais, “Violenta tempestade de azoto sobre a Argentina”, quando devia ter escrito “Violenta tempestade açoitou (azoto em castelhano) a Argentina”? No inglês, *to realize* não pode ser realizar, mas imaginar; *to pretend* não é pretender, mas fingir, simular; *call the doctor* significa chame um médico e não o doutor; *emergency hospital* traduz-se por pronto-socorro e não hospital de emergência; e o *say here* não corresponde a “diga-me cá”, mas a “olhe aqui” “venha cá”, “ouça-me”. Ainda no francês temos *chiste*, que é quisto; *corneti*, touca ou coifa; *tortuer*, entortar, torcer. No italiano, *bafo* quer dizer bigode; *beato*, traduz-se por feliz; *viola*, por violeta.

Os sinônimos, parônimos, homônimos e, sobretudo, os “falsos amigos”, dão-nos exata medida dessa terrível “guerra de emboscadas” que é o traduzir.

Em contrapartida, quem tem a obrigação de escrever trabalhos de divulgação científica, e os cientistas precisam fazê-lo constantemente, também enfrenta problemas de vocabulário; se fizer uso de termos difíceis e de palavras técnicas, lançando-os em livros, revistas e artigos, em vez de pontes, diz Barrass, estará a levantar obstáculos entre o especialista e os leigos educados.

Destarte, um vocabulário rico aumenta a possibilidade de seleção das palavras com as quais podemos modelar nossos pensamentos. Lembro-me de que eu e meu irmão tínhamos o hábito de distrair-nos promovendo uma disputa na qual a marcação de pontos era registrada sempre que um dos dois conseguia pedir a tradução

em português de determinada palavra do francês ou do inglês, que o “oponente” desconhecia. Às vezes, invertia-se o procedimento e consignava ponto quem pedia a versão para o francês ou inglês de dada palavra portuguesa ignorada, nesses idiomas, pelo “adversário”

Este fato veio-me à lembrança ao ler divertido trecho do *Auntie Mame*, de Patrick Dennis (1955). É assim: “Meu querido, um vocabulário rico é a verdadeira marca do intelectual, de modo que — ela remexeu nas coisas que estavam amontoadas no criado-mudo e apanhou outro bloco e um lápis — toda vez que eu usar uma palavra ou você ouvir uma palavra desconhecida, anote-a e eu lhe direi o que significa. Aí, você poderá memorizá-la e logo terá um vocabulário decente. Oh!, a ventura, exclamou ela em êxtase, de moldar uma pequena nova vida! Fez outro largo gesto que, entretanto, de algum modo resultou errado, pois derrubou a cafeteira, e eu anotei imediatamente seis palavras novas, que tia Mame recomendou fossem apagadas e esquecidas”

Voltando à apreciação dos textos especializados, é indiscutível que se exige do tradutor técnico, além do conhecimento das línguas confrontadas, o perfeito domínio das “coisas”, vale dizer, da matéria objeto da tradução e a precisa noção das respectivas terminologias. Sob este aspecto é que ele se diferencia.

No que tange à Anatomia, isso implica em estar ao corrente de complexa terminologia. As dificuldades são consideráveis porque se trata de um campo de tradução restrito, no qual a imaginação e a especulação só cabem quando se cogita da formulação de hipóteses. Destarte, a liberdade de interpretação não tem vez. Por isso, assiste razão a Fraenkel ao sustentar que a tradução é um desafio e a tradução tecnológica um desafio ainda maior. Não creio, entretanto, contrariamente à sua opinião, que a quem deseje enveredar pelos estreitos caminhos da tradução especializada bastem estágios, cursos profissionalizantes ou outro tipo de aproximação. Estes requisitos parecem não satisfazer de todo. De fato, Erwin Theodor está coberto de razão ao ponderar que para o tradutor tornar-se realmente especializado teria de concentrar-se em uma das múltiplas ciências exatas e naturais; e, ainda, teria de concentrar-se em um dos inúmeros ramos, subprogramas e campos dessas ciências, dedicando-se, assim, específica e isoladamente a um deles. Acabaria, enfim, por tornar-se tradutor votado a determinada microespecialidade e em

conséquência estaria condenado à miséria mais abjeta, à míngua de trabalho.

A falta desta categoria de tradutores vem a cada passo à tona. Tanto isso é verdade – volto-me agora para tema da minha área de especialização – que os tratados e atlas de Anatomia, quase invariavelmente, têm suas traduções entregues a professores da matéria, desprevenidos quanto a problemas do ofício e da arte de traduzir. Não se imagine, porém, que para estes as dificuldades na própria especialização sejam menores. A história é longa.

Desde Hipócrates, as estruturas anatômicas passaram a constituir alvo de descobertas e descrições, mas foi na Escola de Alexandria (século III a. C.), diz-se na introdução da nomenclatura anatômica da língua portuguesa, que o vocabulário anatômico ganhou corpo. Depois, Galeno acrescentou muitas designações a esse vocabulário. À época, cerca de 131 a 201 anos da nossa era, mesmo sob a influência dos romanos, sendo, portanto, o latim a língua oficial, não foi possível evitar que a nomenclatura continuasse a enunciar-se em grego. A rigor, somente na Idade Média surgiram as tentativas de implantação de nomenclatura latina. Apesar dos esforços de Vesálio no sentido de romper com a tradição galênica, o certo é que o próprio Vesálio empregou termos latinos e gregos. De um modo ou de outro, ele não conseguiu atingir suficiente clareza, nem alcançar a correção e pureza do latim clássico. Mas, o caos da nomenclatura anatômica prosseguiria, pois o latim literário já vinha sofrendo a influência do latim popular bem como do grego e do latim provincial. Mais adiante, com as invasões germânicas, novos fatores de alteração léxica e sintática se fizeram sentir. Os estudos progrediam e assim também crescia o número de observações realizadas por diferentes anatômicos. Acontece que a mesma formação anatômica acabou por receber nomes distintos e, em fins do século XIX, para um total de aproximadamente 5 mil estruturas já se contavam 50 mil nomes.

A partir de então, ocorreram várias reformas e revisões da nomenclatura, de âmbito internacional. Não é o caso de enumerá-las, mas elas refletem quantitativa e qualitativamente, os desencontros havidos e a necessidade de sucessivos acomodamentos. A respeito, ficamos com a oportuna declaração de Delmas: “os anatomistas de todos os países acham-se de tal modo conscientes das deploráveis consequências do estado atual da sua linguagem, que aceitaram de há

muito o princípio do uso da nomenclatura latina, que assumiria, assim, um valor de referência internacional. São os *Nomina Anatomica*'' Passados quase 30 anos da sua adoção, quem pode, indaga Becker, afirmar em sã consciência que seus termos passaram realmente para a linguagem anatômica? A etimologia — acrescenta —, eis a causa primordial das nossas complicações, divergências e desventuras terminológicas. Em nome de uma etimologia (verdadeira, provável, hipotética ou falsa) desvirtuam-se a todo o instante a forma e a aceção correta das palavras, perturba-se o idioma e lançam-se a confusão e a perplexidade no seio da classe médica. A etimologia é, tão-só — continua —, *o estudo da origem das palavras*. Mas, infelizmente, muitos confundem a etimologia, a origem dos vocábulos, com ideais utópicos de significação, com estranhos e absurdos imperativos de morfologia e semântica.

As questões são muitas e não posso deter-me por mais tempo a examiná-las. O que me não dispense, porém, é de apontar-lhes, a título de exemplo, uns poucos obstáculos correntemente encontrados nos textos alemães de Anatomia. Recordo-me do quanto me causou estranheza, ainda no início de minhas atividades, o ter topado com a expressão *Fhann gelenke* — articulação em frigideira, como designação da junta escápulo-umeral. Mas outras surpresas estariam pela frente. Por fortuna, a nomenclatura latina rapidamente ajudou-me a entender que *Kreuzbein* — osso em cruz, é o sacro; *Sitzbein* — osso de sentar, o ísquio; *Sprungbein* — osso do pulo, o astrálogo. Bem depois, depararia com *Speiseroehre* — tubo dos alimentos, o esôfago; *Luftroehre* — tubo de ar (por sinal *wind pipe*, em inglês), a traquéia; *Bauchfell* — pele do ventre, o peritônio; e, para ficar em só mais um termo, também me defrontaria com *Zwoelffingerdarm* — intestino doze dedos, vale dizer, o duodeno

Seja como for, em que pesem os sucessivos *Nomina Anatomica* e suas seguidas revisões, o empenho contra o pedantismo etimológico e no sentido de que se evitem os sinônimos continuará; a luta para que, liberado no ensino o uso de expressões vernaculizadas, em revistas e resumos somente se empreguem termos latinos, prosseguirá. O combate em favor da concisão e simplicidade, bem como pela rejeição dos epônimos, será mantido, custe o que custar.

Seja como for, persistirão divergências léxicas entre Portugal e

Brasil. Falaremos osso sacro, os portugueses, osso sagrado; diremos osso de quadril, eles, osso da anca; escreveremos orifício tubário, eles, orifício tubar; pronunciaremos peritônio, os portugueses, peritoneu e quantas dessemelhanças mais

E agora concluo. Falei-lhes faz pouco que as questões são muitas.

Ao examinar questões de espécies totalmente diferentes, comenta Flew, é necessário ainda assim estabelecer processos para mantê-las distintas bem como identificar outras relações possíveis entre elas. E acrescenta: uma das razões pelas quais elas são tantas vezes confundidas reside na ambigüidade, na própria palavra razão. Quando se diz que alguém tem alguma razão para acreditar em certa proposição, cabe perguntar se essa razão é um *fundamento* para sustentar que a proposição é realmente verdadeira ou se é um *motivo* para que alguém se deixe persuadir por ela, independentemente da sua veracidade. No primeiro caso, trata-se de uma *razão como fundamento*; no segundo, de uma *razão como motivo*. A frase "uma das razões" antes referida, assinala Flew, não corresponde a nenhum desses casos, mas ao de uma *razão no sentido de causa*. A propósito, para distinguir entre esses dois ou três sentidos, uma oportunidade se oferece à base do argumento conhecido por "Aposta de Pascal" É assim. Muitos têm afirmado que inúmeros fatos provam a existência de alguma espécie de Deus. Mas, nos Pensamentos de Pascal, admite-se que não temos fundamentos para chegar a comprová-la. Então, acredita ele que nos achamos diante de um jogo. Ora, jogar é considerar os prejuízos inevitáveis e os ganhos possíveis. Isso leva todo o homem sensato a persuadir-se da verdade da fé católica, mesmo sem qualquer prova. Da opção de cada um depende para ele o céu ou inferno. Pascal chega, então, à seguinte conclusão: "Se ganhares, ganhas tudo. Se perderes, não perdes nada. Portanto aposta na existência de Deus" Por outras palavras, Pascal entende que se não existem boas razões (fundamentos) para acreditarmos, temos as melhores razões (motivos) para tentar persuadir-nos.

Ao escrever este artigo fiz também uma aposta. Se ele resultasse proveitoso, eu ganharia tudo. E se tivessem a benevolência de acolhê-lo, de revelar-me a simplicidade do conteúdo e o fato de tê-lo tecido tão desataviadamente, eu nada perderia. Por isso, ousei enfrentar desafio bem superior às minhas possibilidades. Não que me louvasse nos fundamentos, mas por ter-me persuadido dos motivos.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

PAIVA, Orlando Marques de. *A tradução e alguns de seus problemas*. Revista da Universidade de São Paulo, São Paulo (3): p. 117–131, dezembro de 1986.